



RESENHA

**SOBRE CULTURA EMOTIVA E
MORALIDADE NOS PROCESSOS
COTIDIANOS DE RESOLUÇÃO DE
CONFLITOS EM UM BAIRRO
POPULAR: RESENHA DE UMA
REFLEXÃO ETNOGRÁFICA**



Vol. II Número 21 jan./jul. 2016

p. 303 - 307

**KOURY, MAURO GUILHERME PINHEIRO.
QUEBRA DE CONFIANÇA E CONFLITO
ENTRE IGUAIS: CULTURA EMOTIVA E
MORALIDADE EM UM BAIRRO POPULAR.
CADERNO DO GREM N°. 9. RECIFE:
ED. BAGAÇO; JOÃO PESSOA: EDIÇÕES
DO GREM, 2016, 141P.**

Raoni Borges Barbosa ¹

O mais recente livro de Koury “*Quebra de Confiança e Conflito entre iguais: Cultura Emotiva e Moralidade em um bairro popular*” apresenta um relato etnográfico de processos cotidianos de resolução de conflitos. Relato este tensionado por uma sensibilidade própria da Antropologia das Emoções e pela proposta bourdesiana de objetificação participante como paradigma de análise crítica, distanciada e reflexiva da alteridade e das possibilidades de objetificação da subjetividade do pesquisador em campo.

O livro problematiza o cotidiano das relações de moradores de bairros populares adjacentes da cidade de João Pessoa, Paraíba. Estes bairros aparecem como um cenário de intensa pessoalidade, relativa exclusão social e problemas infraestruturais classificados pelos moradores locais como problema a ser escandalizado publicamente e resolvido por políticas públicas de habitação.

O escândalo é definido como a estratégia de levar para além das fronteiras de um espaço interacional os projetos de um ajuntamento específico de atores sociais. No caso etnografado, os moradores do Varjão/Rangel organizados em torno de um movimento pela moradia digna buscavam escandalizar a situação de precariedade de suas habitações para provocar uma resposta favorável do poder público municipal.

Neste contexto histórico-cultural, a grande área às

¹ Doutorando em Antropologia PPGA/UFPE

margens do Rio Jaguaribe, em que se situam os bairros e comunidades do Varjão/Rangel, Jaguaribe, Cruz das Armas e Cristo Redentor, foi, entre os anos de 2006 e 2010, o lugar de um processo tenso de realocação de populações para um território desapropriado pelo poder público municipal para a construção de moradias populares. A negociação deste novo lugar comprometeu os atores sociais envolvidos, principalmente os moradores do Varjão/Rangel partícipes no movimento pela moradia digna, em um conjunto de conflitos por direitos, disputas morais e identitárias, mas também em razão de desentendimentos, suspeitas e quebras de confiança em relação a projetos coletivos desfeitos e traídos.

Koury desenvolve uma etnografia da crise e da ruptura moral da ordem normativa destas comunidades de moradores. Ordem moral pautada na gratidão e na confiança e que, no processo de recomposição moral dos vínculos sociais, assume uma linguagem moral e emocional de revolta, desconfiança e humilhação. O processo de ruptura e recomposição moral é analisado em sua dimensão microsociológica das emoções e da moralidade com base na observação das intrigas e traições, fofocas e rumores, silêncios e rumores, jocosidades e ironias que caracterizaram a situação de crise de identidades e de pertencimentos.

Koury situa este processo de “quebra de confiança e conflito entre iguais” em uma análise de tempo-longo que situa a história das comunidades da grande várzea do Rio Jaguaribe desde os anos de 1920. A obra se organiza em três capítulos, perfazendo uma unidade analítica. O primeiro, intitulado “Varjão/Rangel: elementos para uma história do bairro”, apresenta os caminhos da ocupação do território do “Varjão” e da formação de suas comunidades de moradores. O capítulo seguinte, “Estigma, estranhamento, fofocas, medos e pessoalidade”, discorre de forma sincrônica e microanalítica sobre os códigos de moralidade e sobre a cultura emotiva que caracteriza os espaços interacionais do Varjão/Rangel. O terceiro e último capítulo, “Quebra de confiança e conflito em uma instância pessoalizada”, se vale da discussão anterior para abordar, na forma de uma descrição densa, o processo de quebra de confiança e conflito que caracterizou a alocação de parte dos moradores do Varjão/Rangel envolvidos no movimento por moradia digna para o Conjunto Residencial Monte Cassino.

A análise etnográfica do bairro do Varjão/Rangel se insere em um projeto de pesquisa mais amplo sobre medos e medos corriqueiros na cidade de João Pessoa, tomada como universo de pesquisa em um recorte temporal que se estende desde 1970, quando da transformação das comunidades distribuídas na várzea do Rio Jaguaribe em bairros integrados à cidade mediante um processo de modernização forçada em curso em todo o país. O interesse de Koury pela sociabilidade do bairro se acentua no ano de 2009, quando ocorre a nacionalmente conhecida Chacina do Rangel. O bairro, então, era tido como perigoso e se apresentava como uma sociabilidade curiosamente fragmentada, na sua dimensão simbólica, moral e emocional, entre a identidade Varjão (nome oficial e signo de vergonha e exclusão em relação à cidade) e a identidade Rangel (nome oficioso).

Os moradores envolvidos na trama de acontecimentos pela moradia digna, a princípio, estavam organizados coletivamente pela causa das moradias populares. Nos desentendimentos cotidianos próprios de redes engolfadas de engajamento quase total das individualidades no grupo, eles elaboraram uma fratura irreversível das lealdades, fidelidades, amizades e amores que os uniam enquanto comunidade de projetos e de sofrimento.

Ao não aceitarem o modo como se deu a partilha de bens materiais e simbólicos expressos no conjunto residencial para o qual apenas parte dos integrantes do movimento pode mudar-se, alguns dos moradores engajados no movimento por moradia digna instauraram um regime de desconfiança, de desculpas e acusações e de silêncios prenhes de rumores, fofocas e intrigas como forma de lidar com a humilhação sofrida. Este desequilíbrio

normativo, potencializado por denúncias de traição e quebra de confiança que atingia parte dos beneficiados com casas no Residencial Monte Cassino, ou PA III, resultou na falência moral da comunidade que unia vizinhos, amigos e compadres, e em uma recomposição de vínculos pautados em sentimentos de raiva e revolta, vergonha e isolamento.

Koury enfatiza como os *segredos de polichinelo* engendrados no não cumprimento, - ou no suspeitar-se de ter assim ocorrido, - das regras e normas acordadas na ação coletiva, e descumpridas em ações individuais interesseiras, contaminou as relações cotidianas de forma negativa. O reconhecimento, a reciprocidade e a honra passam a ser substituídos por sentimentos de mágoa, desrespeito, melancolia, medo do outro e medo de falar e por práticas extremamente perturbadoras de “burburinho” e “buchicho”.

A fofoca desempenhou um papel basilar para a transformação dos desconfortos interacionais em escândalo público. A fofoca, ao canalizar a ofensa e o insulto moral, fez da experiência de quebra de confiança um conflito a ser resolvido publicamente, uma vez que atacava a *face*, a *fachada* e, por conseguinte, toda a reputação dos acusados e acusadores em um jogo de veras perigosos de *desfiguração moral* do outro relacional.

Koury relata trechos de entrevistas e de conversas informais realizadas na condição de morador atípico do bairro. O autor chama a atenção para um modelo microanalítico das tensões cotidianas, entendidas como a gramática emocional do jogo social a ser compreendido enquanto cadeias de interdependências entre individualidades.

Individualidades estas que se afirmam, se ajustam, silenciam, se desengatam, conformam e rompem os vínculos sociais de forma consciente e oportuna. No entender de Koury, o ator social e suas ações podem ser lidos no sentido de um jogo social indeterminado e cheio de surpresas, mas consciente e passível de jogadas de sedução, manipulação e cooperação com o outro em espaços interacionais moralmente significativos, significantes e complexos.

O relato etnográfico de Koury busca compreender uma situação de tensão, dissensos, rupturas e recomposições morais e emocionais tal como ocorreu com os moradores do Conjunto Residencial Monte Cassino, ou PA III, e com os que permaneceram no Varjão/Rangel. Situação que se desdobra em possibilidades sempre renovadas de reconstrução de projetos individuais e coletivos, de novos códigos de moralidade e de uma outra cultura emotiva, mais individualista e mais sujeita a ironia e a laços mais tênues de confiança.

Recebido em: 05/04/2015

Aprovado para publicação em: 05/06/2016